

O USO DO *TWITTER* E O PAPEL DO PROFESSOR MEDIADOR PARA A LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL – CICLO II

Tharsila Dantas Prates

Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa/PUC-SP

RESUMO

O uso de ferramentas digitais, como os *blogs*, que estimulam a leitura e a produção de textos, já faz parte do dia a dia escolar. Mais recentemente, o microblog *Twitter* e seus 140 caracteres viraram uma febre mundial, apresentando também um grande potencial para trabalhos de leitura e escrita. Busca-se, neste artigo, evidenciar a mediação do professor, para que o trabalho em sala de aula seja desenvolvido de modo a estimular o aprendizado efetivo dos alunos.

Palavras-chave: *Twitter*. Mediação. Leitura. Produção textual.

ENTENDENDO O *TWITTER*

Com a dificuldade que muitos alunos enfrentam nas atividades de leitura e escrita, professores têm utilizado diversos recursos, além da lousa e do livro didático, para tornar o estudante proficiente nessas tarefas. Dentro disso, a tecnologia vem ganhando cada vez mais espaço – primeiro, com o uso dos *blogs*, uma espécie de diário virtual, e recentemente com o microblog *Twitter*, que permite escrever comentários de até 140 caracteres. Este artigo trata da mediação do educador e do seu papel entre o aluno e a ferramenta digital, o *Twitter*, e de como essa mediação deve ocorrer, para envolver o estudante de maneira produtiva.

Em 2010, começaram a aparecer as primeiras matérias nos veículos de comunicação brasileiros sobre o uso do microblog *Twitter* em sala de aula por professores e alunos do ensino básico. Nem os computadores nem os recursos oferecidos pela *internet*, porém, são uma novidade na educação. Foi-se o tempo, como se costuma dizer. Os *blogs*, que são uma espécie de diário digital, por exemplo, tornaram-se uma realidade nas escolas. Mas o *Twitter* inovou com o limite de 140 caracteres por comentário – mais ou menos o mesmo tamanho de um torpedo enviado do celular.

Antes de entrar na mediação possível do professor e no uso do *Twitter* nas aulas, é necessário descrever brevemente a ferramenta.

Criado nos Estados Unidos em 2006, o *Twitter* é um microblog onde as pessoas escrevem comentários sobre o assunto que desejam em até 140 caracteres e ainda compartilham imagens e *links*, realizam pesquisas e trocam mensagens.

Em janeiro de 2012, o Brasil ocupava a segunda colocação em número de tuiteiros (termo em português para quem usa o *Twitter*), com 33,3 milhões de usuários, perdendo apenas para os Estados Unidos, que tinham 107,7 milhões de contas no microblog. Os números são de uma pesquisa da empresa SemioCast, publicada pelo portal de notícias G1, da TV Globo, em fevereiro.

No *Twitter*, os usuários têm a chance de seguir os perfis que quiserem e, assim, saber o que as pessoas estão escrevendo. Qualquer um também pode ser seguido, mesmo que seja por pessoas desconhecidas e desde que as atualizações despertem interesse. A revista *Língua Portuguesa*, da Editora Segmento, apresentou a seguinte síntese sobre o que é a ferramenta, em abril de 2010:

Do estilo “querido diário” à literatura concisa, passando por anaforismos, citações, jornalismo, fofoca, humor etc., tudo ganha o espaço de um “tweet” [“pio” em inglês] e entender seu sucesso pode indicar um caminho para o aprimoramento de um recurso vital à escrita: a concisão.

O’Reilly e Milstein (2009, p. 17) afirmam que “as pessoas descobriram no *Twitter* uma forma de saber o que seus amigos, familiares e colegas estão fazendo (sem ter de perguntar), o que causa a impressão de uma leve, mas significativa conexão”.

Na *homepage* www.twitter.com, a inscrição – *Bem-vindo ao Twitter. Descubra o que está acontecendo, agora mesmo, com as pessoas e organizações que lhe interessam* – inspira os frequentadores, que nem precisam cadastrar um perfil. Com o endereço de alguém (o da cantora Ivete Sangalo, por exemplo: www.twitter.com/ivetesangalo), o acesso à conta é franqueado e é possível ver os comentários dela e de quem ela cita.

Alguns dos principais recursos da ferramenta é “retuitar” o comentário de outro usuário – como se vê, a expressão inglesa *retweet* já virou até verbo em português, assim como “tuitar”. “Retuitar” é reproduzir aos próprios seguidores os comentários alheios, citando quem os escreveu. Isso ajuda a espalhar mensagens importantes e é uma maneira de dar crédito a alguém.

A ferramenta permite ainda responder a comentários de seguidores, interagindo com eles. Outro canal de comunicação dentro do microblog são as *direct messages* ou DMs

(mensagens diretas), que são uma opção de mensagens privadas, trocadas por usuários que se seguem mutuamente. Nelas, também há o limite de 140 caracteres.

Além de poder escrever em até 140 caracteres, seguir quem é interessante, ser seguido, reproduzir os *posts* dos outros, responder a eles e mandar mensagens, o *Twitter* oferece ainda outros recursos. Um deles é mostrar os dez tópicos mais comentados do microblog. São os chamados *Trending Topics*. Eles mudam constantemente e dão pistas do que as pessoas acham importante naquele momento. O *site* rastreia os temas mais comentados por meio das *hashtags*, que são palavras precedidas do símbolo # (jogo da velha).

Outra possibilidade do microblog é a de postar *links*. No espaço do comentário, é possível copiar e colar o endereço eletrônico que se quer compartilhar, e o *Twitter* o encurta. Assim, o endereço eletrônico não toma todo o espaço de um *tweet*, e o usuário fica mais livre para comentar o *link* que está compartilhando.

Pelo número de usuários que o microblog vem conquistando – só no Brasil, como foi mencionado, são mais de 30 milhões –, o caminho natural é que ele acabasse sendo introduzido na sala de aula. Aqui, fala-se de ensino presencial, tendo os computadores entre o professor e o aluno. A leitura e a escrita, portanto, sobre uma nova superfície.

Geraldi (2010, p. 103) traz uma definição pertinente sobre o que é ler, útil de ser lembrada aqui:

Ler é construir uma compreensão no presente com significações que, entranhadas nas palavras, são dissolvidas pelo seu novo contexto – que incluem também as contrapalavras do leitor – para permitir a emergência de um sentido concreto, específico e único, produto da leitura que se está realizando. (GERALDI, 2010, p. 103)

É claro que o autor não estava pensando no *Twitter* ao refletir sobre leitura, mas ler os *posts* do microblog também é um exercício de construção de sentidos. E é a partir dessa construção que a interação entre os usuários, por meio da escrita, é feita. Na prática, uma pessoa reproduz os comentários de outra a seus seguidores, com a possibilidade de acrescentar suas próprias impressões sobre o assunto, e ainda consegue “conversar”, por escrito, com outro usuário, sem estar necessariamente seguindo-o. Os dois também não precisam estar conectados ao mesmo tempo.

Entende-se que essa é mais uma ferramenta com que o professor pode contar para o seu trabalho em sala de aula. Neste artigo, será apresentado um dos possíveis usos do microblog por uma professora nas aulas de informática da rede pública municipal de São

Paulo, tendo como principal objetivo discutir a mediação possível dos educadores com essas novas ferramentas. Eles se veem, de um lado, diante do *Twitter* e dos seus 140 caracteres; de outro, dos alunos ávidos pelas novidades digitais.

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR

Por tudo que já foi discutido sobre mediação no âmbito da Língua Portuguesa, sabe-se que mediar não é apenas apresentar um livro ou outro material impresso ao aluno, corrigir seus textos ou disponibilizar recursos tecnológicos em sala de aula. A mediação deve levar a uma transformação do estudante.

Nas palavras de Geraldi (2010, p. 169) é “um processo em que o professor auxilia o aluno em seu desenvolvimento, um diálogo com seu futuro”. Pètit (2008) também ajuda a identificar aqui o que seria esse auxílio do professor ao aprendiz. Segundo ela, o papel do mediador é o de construir pontes ou permitir que elas sejam construídas.

Pode-se ainda ter pistas sobre o que seja mediar através do próprio significado da palavra “mediação”, que remete à ideia de intercessão, interposição, intervenção. Como lembra Cintra (s/d), mediar corresponde a interceder, de alguma forma, em determinada situação, entre pessoas ou grupos, sem significar o mero repasse de informação. Na verdade, a mediação, de acordo com a autora, estabelece-se em um nível mais profundo, pela via de uma relação mais forte e comprometida.

Valendo-se mais uma vez de Pètit (2008, p. 153), pode-se afirmar que o processo de mediação se assemelha ao da transferência psicanalítica, “ou seja, alguém que acolhe, que recolhe as palavras do outro, que é o testemunho de seu desejo, com quem se estabelece uma ligação próxima ao amor”. A mediação deve permitir, portanto, o diálogo, a troca, a participação e o aprendizado do aluno.

E por que mediar? Um dos motivos é porque há certas tarefas que o estudante simplesmente não faz sozinho, além daquilo que já se falou sobre levar a uma transformação. Nesse ponto, diversos autores citam Vygotsky e o seu conceito de *Zona de Desenvolvimento Proximal*, que, como afirmou Geraldi (2010, p. 169), “muda radicalmente a teoria sobre ensino/aprendizagem e desenvolvimento”. Essa *Zona de Desenvolvimento Proximal* é a distância entre o nível de desenvolvimento real (a capacidade do aluno de realizar tarefas de forma independente) e o nível de desenvolvimento potencial (que representa a capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de adultos ou de companheiros mais eficazes).

O professor, então, identifica o conhecimento já adquirido pelo aluno que o leva a realizar atividades de maneira independente e passa a atuar também na área em que o estudante necessita de seu auxílio. Falando de produção de texto, Geraldi (2010) entende o professor como coautor dos textos de seus alunos, já que ser um mediador do processo de aprendizagem não se restringe a ser um mero leitor-corretor. “Trabalhar entre o sabido e o potencial é a forma de mediação do professor, que se torna assim um coautor dos textos de seus alunos: faz junto e ambos avançam em suas capacidades de produção de novos textos” (GERALDI, 2010, p. 170).

Com a introdução dos computadores em sala de aula e a disponibilização de diferentes recursos pela *internet*, esse novo papel do professor também se faz necessário. Sobre isso, Almeida (1997, n.p.) afirma que:

Cabe ao professor assumir a mediação das interações professor-aluno-computador de modo que o aluno possa construir o seu conhecimento em um ambiente desafiador, onde o computador auxilia o professor a promover o desenvolvimento da autonomia, da criatividade, da criticidade e da autoestima do aluno. O aluno deixa de ser o receptor de informações para tornar-se o responsável pela aquisição de seu conhecimento, usando o computador para buscar, selecionar e interrelacionar informações significativas na exploração, reflexão, representação e depuração de suas próprias ideias segundo seu estilo de pensamento. (ALMEIDA, 1997, n.p.)

Como se vê, o estudante também deixa de ter papel passivo no processo de aprendizagem. Passa a ser agente desse processo. É nesse contexto que vêm surgindo as primeiras experiências da utilização do *Twitter* em sala de aula.

Sobre o ensino em meios digitais e considerando o texto como evento comunicativo e inserido na perspectiva sócio-cognitivo-interacional, Marquesi *et al* (2010, p. 355) partem de dois pressupostos:

o aluno assume o papel de um leitor, que, por meio do texto escrito, construirá seu conhecimento;

o professor assume o papel de um escritor, que, por meio do texto escrito, possibilitará, ao aluno, a construção do seu conhecimento. (MARQUESI *et al*, 2010, p. 355)

As autoras lembram ainda que as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) representam um instrumento eficaz desde que propiciem o aprendizado de forma participativa e significativa e permitam, como já dito, a construção do conhecimento pelo aluno.

Com o surgimento da *Web*, que pode ser definida como um sistema de hipertextos, o professor tem à disposição um novo cenário, descrito da seguinte maneira por Marquesi *et al* (2010, p. 359):

A facilidade de produzir, publicar, editar, comentar, discutir e/ou votar conteúdos e a rapidez de armazenar os textos tornam a *Web* um ambiente social e acessível a todos os usuários, um espaço onde cada um seleciona e controla a informação de acordo com as suas necessidades e interesses. Nesse meio digital, o leitor torna-se potencialmente um interlocutor que interfere diretamente sobre o conteúdo apresentado pelo site. O leitor torna-se ao mesmo tempo um escritor em potencial. (MARQUESI *et al*, 2010, p. 359)

Se não houver, por parte do professor, uma mediação que não signifique apenas apresentar o recurso tecnológico ao estudante, os novos meios digitais não contribuirão em nada para a aprendizagem significativa do aluno.

O USO DO *TWITTER* EM SALA DE AULA

Sabendo da condição do aluno como escritor em potencial é que a Professora Orientadora de Informática Educativa (POIE) Claudia Cristina Vieira Valério, da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Professor Franklyn Augusto de Moura Campos, zona norte de São Paulo, procura orientar os seus alunos na hora de usar a ferramenta em sala de aula, com relação, inclusive, ao conteúdo dos comentários. O trabalho dela foi divulgado em um vídeo institucional da Prefeitura que descreve a experiência da professora com o *Twitter*.

A relação da educadora com o microblog começou por motivos pessoais, quando, em 2009, Claudia tomou conhecimento do *Twitter* por meio de comentários de celebridades na TV e por propagandas na *internet*. Curiosa, resolveu criar um perfil. Ela conta que a intenção foi interagir mais com as pessoas, conhecer suas opiniões e modos de vida.

No ano seguinte, passou a usá-lo com mais frequência, ampliando a utilidade da ferramenta. Na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, o Orientador de Informática Educativa é o professor responsável pelas aulas de Informática dos alunos, uma vez por semana, na grade regular da escola. Nessas aulas, Claudia decidiu utilizar o *Twitter* ao perceber, nas palavras dela, que se tratava de um canal de comunicação atrativo e rápido. A professora pediu autorização aos pais, e cada aluno abriu uma conta.

O trabalho é realizado em sala de aula desde 2010. Inicialmente, o uso do *Twitter* foi explorado pelos seus alunos monitores – aqueles que são formados para auxiliar os mais novos nas aulas de Informática. Depois, o trabalho com o *Twitter* foi estendido às turmas de 8ª série.

Quando a professora liberou o uso da ferramenta para os demais estudantes do Ciclo II, ela disse que percebeu o interesse que muitos tinham pelo *Twitter* e pelo fato de poderem seguir celebridades e saber o que elas comentavam em seus perfis e o que costumavam fazer no dia a dia. Claudia, então, aproveitou o gancho e sugeriu que os alunos utilizassem o novo espaço virtual para divulgar os trabalhos desenvolvidos na escola e também para conhecer os trabalhos de outras unidades escolares. O objetivo, segundo ela, é permitir a troca de informações entre a unidade e outras escolas, mesmo aquelas que não são da região e ficam, fisicamente, distantes da EMEF Franklyn de Moura Campos.

Na área de produção de textos, os alunos escrevem no *Twitter* sobre as atividades que são desenvolvidas em aula e compartilham o endereço do *blog* da escola, para que as pessoas interessadas possam visitar. Os estudantes seguem uns aos outros e também os perfis nos quais estão interessados. Um detalhe é que, antes de iniciar a sua aula com o *Twitter*, a professora costuma discutir com os alunos sobre a responsabilidade de se escrever algo em um espaço público e, por isso, que pode ser acessado por qualquer pessoa. Ela lembra casos de gente famosa que passou por situações delicadas e saias-justas por conta de coisas escritas em seus perfis. Claudia alerta ainda aos seus alunos que não adianta escrever e apagar em seguida. A ferramenta permite que, em questão de segundos, os *posts* sejam visualizados na rede e, dependendo de seu conteúdo, podem prejudicar quem os escreveu.

Para este relato, a professora achou importante contar sobre um projeto de fotografia desenvolvido com os alunos batizado de “Imagem é tudo. Dê seu click”. Eles construíram câmeras *pinhole* (um processo alternativo de fotografia que dispensa o uso de equipamentos convencionais), fotografaram com ela em diversos ambientes e também usando câmeras amadoras (analogicas e digitais) e celulares. O *Twitter* foi utilizado para que os estudantes contassem suas experiências com o projeto e com a fotografia e pudessem publicar as imagens feitas por eles.

Além do incentivo que a professora dá para o uso de um microblog em sala de aula e ainda para a divulgação pública dos trabalhos escolares, Claudia conta que verifica o conteúdo escrito pelos alunos nos seus perfis a fim de corrigir erros de português, palavras excessivamente abreviadas e gírias. Segundo ela, o *Twitter* não é um MSN (ferramenta de

bate-papo síncrono, onde é bastante comum escrever as palavras de maneira abreviada – quase neologismos – e sem pontuação).

Um dos argumentos apresentados pela professora é que, no *Twitter*, os alunos estão transmitindo ideias e novas informações para outras pessoas, muitas delas com uma escolaridade maior que a dos estudantes. Para Claudia, os alunos devem se habituar à escrita correta no microblog. Ela pede, por exemplo, que evitem “vc” no lugar de “você”, que escrevam com menos abreviações e que aprendam que “expectativa” se escreve com “x” e não com “s”. Com esse objetivo, o *Twitter* acaba sendo mais um canal para que a professora possa exigir do aluno a reescrita antes da publicação dos trabalhos, no caso, dos comentários.

Embora não tenha feito até o momento nenhuma medição dos resultados, Claudia afirma que é perceptível a melhora dos estudantes, principalmente na escrita. Ela diz que os próprios alunos reconhecem que estão lendo, escrevendo e se comunicando melhor.

Sobre o uso da ferramenta na escola, ela acredita que as redes sociais servem de gancho para que o aluno avance no aprendizado da leitura, à medida que ela é exercitada diariamente com os *posts*. Ainda de acordo com a professora, o estudante tem a chance também de avançar no aprendizado da escrita, porque ele se vê obrigado a escrever para se mostrar no microblog e poder interagir com os outros usuários.

Na próxima página, segue uma reprodução do perfil de um dos alunos da professora Claudia em que é possível perceber a interação sobre a qual se falou no início deste artigo. Durante o projeto “Imagem é tudo. Dê seu click”, alguns estudantes citaram o perfil institucional da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (www.twitter.com/escolasp), por ora desativado por conta do período eleitoral, para descrever o trabalho que estavam fazendo na escola.

A Secretaria, por meio do *Twitter*, acabou “retuitando” os comentários dos alunos sobre o projeto e, com isso, algumas fotos publicadas pelos estudantes foram parar no chamado *paper.li*, que é um aplicativo desenvolvido para o *Twitter* e para o *Facebook*, como um jornalzinho eletrônico, baseado nos comentários do perfil que “encomenda” esse recurso. No dia 4 de agosto de 2011, a Secretaria “tuitou” o seu *paper.li* e, nele, apareceram fotos dos alunos da professora Claudia e informações sobre o projeto que ela desenvolveu.

O detalhe é que o perfil da Secretaria no *Twitter* tem mais de três mil seguidores. Isso não significa, porém, que todos os três mil acessaram o *paper.li* e viram as fotos, mas são leitores em potencial, o que possibilita a visibilidade ao trabalho dos alunos e também da educadora. Pode-se perceber a interação na página de um dos estudantes, reproduzida abaixo:



Reprodução da *timeline* de um aluno, cedida pela professora Claudia Valério. Nela, aparecem os comentários das pessoas que o estudante segue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que se viu da experiência da professora Claudia Valério na EMEF Franklyn de Moura Campos, percebe-se que a ferramenta utilizada para ler e escrever – o *Twitter* – não sofre resistência por parte dos alunos dessa escola pública, o que não deixa de ser um alento.

Há interesse e motivação dos estudantes em realizar os exercícios por meio da ferramenta digital.

Entende-se que essa é uma forma de aproximar a realidade do estudante, hoje imerso no mundo da *internet*, com o aprendizado em sala de aula. Entre o mundo em que o aluno vive na rua e em casa – mesmo o estudante da escola pública – e o que ele vê na escola está o professor e a sua nova forma de agir, buscando atrair o estudante para o conhecimento. No caso da professora Claudia, ela tenta construir essa ponte, citada por Pètit (2008), utilizando uma ferramenta tecnológica bastante familiar aos seus alunos e, com ela, incentivar a leitura, a escrita, a reescrita e a troca de informações.

Nesse ponto, abre-se um parêntese para afirmar que essa escrita, sobretudo a reescrita, não deve se restringir apenas a correções gramaticais pontuais nem a substituições de gírias ou abreviaturas, que foram os exemplos citados pela professora Claudia ao comentar sobre o acompanhamento que ela faz dos perfis dos alunos durante as aulas. Esse exercício de reescrita deve levar o aluno a escrever de forma coerente e clara sob o risco de ter um perfil desinteressante. É importante notar também o exemplo que o professor deve dar. Um educador com perfil no *Twitter* não pode se descuidar do conteúdo dos seus *posts* nem dos aspectos gramaticais.

Com livre acesso ao microblog, lendo e escrevendo, o estudante pode enxergar algum sentido nas atividades de leitura e de escrita. Afinal de contas, ele só compartilha informações, conhece novos usuários e se torna um “tuiteiro” influente se souber usar bem a ferramenta. Para isso, deve compreender os *posts* e escrever comentários de até 140 caracteres que signifiquem alguma coisa. São os novos papéis de leitor e de escritor que Marquesi *et al* (2010) chamam atenção no ensino em meios digitais.

Com o trabalho de mediação apresentado neste artigo, houve mesmo a tão desejada transformação do estudante? Uma pista, talvez, seja contar aqui sobre o depoimento de alguns alunos da professora Claudia acerca da profissão que querem seguir no futuro. Ela diz que, com o projeto “Imagem é tudo. Dê seu click”, estudantes expressaram a vontade de pesquisar mais sobre fotografia e sobre jornalismo: “Durante o projeto, eles se sentiram um pouco repórteres e alguns ficaram muito entusiasmados com essa carreira”, disse a professora.

Pode-se considerar ainda que um trabalho de pesquisa sobre fotografia com a divulgação do resultado na *internet* abre uma nova possibilidade de motivação e de sentido para o aprendizado do estudante.

Tudo o que foi exposto seria o máximo de exploração do *Twitter* em sala de aula? É claro que não. Já há experiências sobre o ensino da concisão na escrita, sobre o ensino da literatura, por meio dos chamados nanocontos, e outras atividades permitidas em até 140 caracteres. O objetivo não foi esgotar as possibilidades da ferramenta, mas mostrar uma experiência que permitisse ilustrar, pelo menos, uma mediação possível do professor no contexto das novas tecnologias.

Assim como um educador que não lê não tem condições de preparar o estudante para a leitura, um professor que desconhece os recursos digitais dessa nova geração não terá como aproveitar as ferramentas em sala de aula. O dia a dia vai possibilitar a descoberta de usos cada vez mais eficientes no que diz respeito ao efetivo aprendizado dos nossos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. *Informática na escola: da atuação à formação de professores*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. Disponível em <<http://www.divertire.com.br/educacao/artigos/11.htm>>. Acesso em 21 abr. 2011.

CINTRA, A. M. M. *A mediação: primeiros apontamentos*. Sem data.

G 1, site da TV Globo, sem autor. Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/02/brasil-e-o-segundo-pais-em-numero-de-usuarios-no-twitter-diz-estudo.html>>. Acesso em 15 abr. 2012.

GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. Campinas: Pedro e João Editores, 2010.

MARQUESI, S. C. *et al.* Ensino em meios digitais: uma questão de leitura e escrita. In: BENTES, A. C., LEITE, M. Q. *Linguística de texto e análise da conversação*. Panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

PETIT, M. *Os jovens e a leitura*. Uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

ABSTRACT

The use of digital technologies, like blogs, that stimulate reading and writing, is part of school's days. Recently, the microblogging service Twitter and the messages of up to 140 characters became a famous service, being a great way for work at school. The present article intends to show the teacher's mediation for work at school be developed to stimulate the real learning.

Key words: Twitter. Mediation. Reading. Writing.

Envio: Agosto/2012

Aprovado para publicação: Outubro/2012